

POR UM DISCURSO SEM PALAVRAS!  
TOWARDS A WORDLESS DISCOURSE!

*Tania Coelho dos Santos\**

RESENHA DE:

Lacan, J. (1968-1969/2006). *Seminário Livro XVI, De um Outro ao outro*. Paris: Seuil, 430 páginas.

Em resposta aos acontecimentos de maio de 1968, momento da nossa história recente em que se pretendeu combater todas as formas de autoridade, Lacan redefine a essência da teoria psicanalítica como um discurso sem palavras. É uma resposta forte, firme, em defesa do estruturalismo. Os representantes da autoridade podem ser destituídos, mas a autoridade da estrutura, do significante oracular do mestre, da primazia da origem não podem sofrer o mesmo destino. Contra aqueles que combatem o estruturalismo e alegam que a imprevisibilidade dos acontecimentos históricos não pode submeter-se a nenhuma determinação inabalável, Lacan contesta que

---

\* Pós-doutorado no Département de Psychanalyse Paris VIII; Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Teoria psicanalítica da UFRJ; Membro da Escola Brasileira de Psicanálise; Membro da Associação Mundial de Psicanálise.

não se trata de ideologia nem de visão de mundo, mas do real. Que real? O da castração. Ele recomenda consultar o Gênesis, pois encontraremos nas escrituras o fundamento da castração: Deus os criou, homem e mulher.

É preciso partir do fato de que não há relação entre homem e mulher sem que a castração:

a) determine a título de fantasma a realidade do parceiro em quem ela é impossível.

b) sem que ela – a castração – seja uma espécie de retiro que a coloca como a verdade do parceiro a quem ela é poupada. Em um a impossibilidade da efetuação da castração é determinante de sua realidade, no outro, a pior ameaça possível da castração é que ela não precisa ocorrer para ser verdadeira.

O estruturalismo é compatível com a psicanálise porque leva a sério a divisão do sujeito, pois supõe um saber desconhecido por este, inconsciente, como causa do pensamento. É por essa razão que a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem palavras, é função de discurso sem palavras. Isso não quer dizer que Lacan pensa que não é preciso fazer teoria, ou que fazer teoria é impossível. Ele nos aconselha, ao contrário, a abordar a unidade teórica do estruturalismo. Toma Marx como exemplo do estruturalismo *avant la lettre*. Para perceber esse fato basta que nos perguntemos: qual é o objeto do capital? A investigação psicanalítica permite enunciar que Marx parte da função do mercado. Sua novidade é o lugar onde ele situa o trabalho. Que o trabalho seja comprado, que haja um mercado do trabalho, eis o que permite a Marx demonstrar aquilo que seu discurso inaugura e que ele chama de *mais-valia*. Que os comentaristas de Marx sejam estruturalistas ou não, eles parecem ter demonstrado bastante bem que Marx é estruturalista. Pois, no ponto em que circunscreve a predominância do mercado de trabalho, destaca-se como causa do seu pensamento a função obscura da mais-valia. A investigação psicanalítica permite apreender a identidade de um discurso às condições de sua produção.

Tanto quanto o trabalho não era algo novo na produção da mercadoria, a renúncia ao gozo – que define a relação de trabalho – não é nova. Freud ([1930] 1969) apreende as relações entre a renúncia ao gozo e o mal-estar na civilização. Quanto mais renunciemos, mais somos impulsionados a renunciar. O que é novo nessa articulação é que existe um discurso que articula esta renúncia ao sofrimento do sujeito. Lacan vai mostrar a outra face da renúncia ao gozo, o gozo a mais que ele formaliza por meio da função do objeto *a*. A função deste mais de gozar que entra em jogo na relação do sujeito ao significante é a essência do discurso analítico.

Esse seminário gira em torno de uma leitura do desafio de Pascal. Por meio desta, Lacan procura formalizar o que vem a ser, em última instância, a renúncia ao gozo. Sua leitura sutil da alma do homem moderno desvenda um cálculo das posições subjetivas diante da aposta de se Deus existe ou não. Em torno dessa aposta gira o consentimento à renúncia ao gozo da vida que se tem para arriscá-lo, e talvez ganhar uma infinidade de vidas, infinitamente felizes. Logo, o fundamento da renúncia ao gozo é nada menos que a disposição que o sujeito demonstra em investir no campo das identificações em busca de uma infinidade de formas de felicidade. O sofrimento neurótico não pode ser separado de sua demanda insaciável de felicidade.

Em nosso campo não há nenhuma harmonia, nenhuma correspondência do sujeito consigo próprio, nenhuma *Selbstbewussten*. As ambições dos movimentos de maio de 1968 anunciam o mal-estar da contemporaneidade: a cultura do narcisismo, onde a recusa do inconsciente impõe ao sujeito a tarefa impossível de “ser si mesmo”. No lugar da autoridade sagrada da transmissão do saber pelo mestre, veremos crescer depois deste momento a redução do saber ao diploma universitário. Penso que Lacan propõe uma definição rigorosa da diferença entre a modernidade e a contemporaneidade. Com a Revolução Francesa nasce o Real da psicanálise, que é o sujeito da ciência, sujeito sem qualidades. Com os movimentos de maio de 1968, o saber se torna uma mercadoria que se compra e que se

vende. O saber entrou no mercado e, desde então, circula desvinculado do peso da autoridade daquele que o transmite. Podemos falar de uma separação entre a veiculação do saber e o poder do mestre, por um lado. Uma nova configuração das relações entre saber e poder, entretanto, se anuncia. O saber desencarnado se propaga graças a uma nova aliança com o poder. Trata-se do poder anônimo, acéfalo da pulsão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freud, S. (1930/1969). Mal-estar na civilização. *Obras completas, ESB*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 21 de maio de 2007

Aceito para publicação em 04 de junho de 2007